

DOS GÊNEROS AO GÊNERO ELETRÔNICO: UM PERCURSO DE TRANSFORMAÇÕES

Indianara Abreu Holsbach Nogueira (UEMS)

indianaraholsbach@hotmail.com

Mislene Ferreira Cabriotti (UEMS)

mislenefc@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

As pesquisas sobre os gêneros textuais têm ganhado lugar de destaque nas últimas décadas. Com a evolução tecnológica, surgem os chamados gêneros emergentes, como os digitais, virtuais, eletrônicos, cibergêneros, entre outros. Como é feita a abordagem desses “novos” gêneros nas aulas de língua portuguesa? A consciência da evolução do conceito de gênero pode facilitar o trabalho didático com os emergentes? De que forma? Partindo da premissa de que os gêneros são um fenômeno social e histórico, (MARCUSCHI, 2004), o presente artigo busca compreender a noção atual de gênero por meio de um panorama histórico da evolução desse conceito, desde a antiguidade clássica até a modernidade, com o objetivo de perceber as implicações pragmáticas dessa evolução. Para esse fim, recorremos a autores como Dolz & Schneuwly (1996), Bakhtin (1992), Marcuschi (2004), Dionísio (2014).

Palavras-chave:

Gêneros textuais. Percurso histórico. Gêneros emergentes. Sala de aula.

1. Um breve percurso histórico do conceito de gênero

Quando observamos a infinidade de gêneros que circulam hoje em nosso meio, não paramos para refletir sobre a origem deles, sobre as noções do passado, tampouco sobre a evolução pela qual esse conceito passou até chegar aos dias de hoje. Essa análise histórica é importante para compreendermos aspectos atuais dos gêneros, tais como o hibridismo, a multimodalidade, a intergenericidade, entre outros.

A tentativa de organizar e caracterizar os textos é algo que vem desde a literatura clássica, separando-os por tipos. Nessa época ainda não se falava em gênero, mas Aristóteles e Platão já apresentam a primeira distinção textual de acordo com a forma: o lírico, o épico e o dramático, diferenciando-os pelo modo que representavam a realidade, como afirma Martins,

Sabemos que desde os tempos de Aristóteles já se falava em gêneros tex-

tuais, a princípio se subdividia em três modalidades: épico, lírico e dramático, sendo que para subdividi-los levava-se em conta o modo de enunciação dos textos, ou seja, no lírico, a enunciação deveria ser feita pelo emissor; no épico, pelo emissor e/ou personagem e, no dramático, pelas personagens, mas por meio dos atores.

Seguindo esta evolução, o conceito tradicional de gênero textual compreende a concepção clássica dos gêneros narração, descrição e dissertação, como defendiam os estruturalistas, que consideravam os aspectos formais do texto, em detrimento do seu contexto de produção, da ideologia do discurso, da construção do sentido. No projeto estruturalista, (BRANDÃO, 1999), havia uma busca por modelos classificatórios abstratos com efeitos de normatividade, não havendo, portanto, lugar para o heterogêneo, para o contexto, para a diversidade funcional.

Assim, essa classificação foi a utilizada para as aulas de produção de textos, especificamente para as aulas de redação nas últimas décadas. No entanto, com a evolução das pesquisas em linguística textual, percebeu-se que essa simples classificação (narração, descrição, dissertação), não correspondia mais às diferentes práticas sociais da fala e da escrita. É nesse contexto que se começa a valorizar as teorias de Bakhtin (1992), que considera que o gênero é o texto situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, relativamente estável do ponto de vista estilístico e composicional. Para Bakhtin,

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. (1992, p. 282)

Ou seja, a relação que existe entre a língua e vida passa a ser valorizada quando se pensa em produção escrita. Ainda na década de 90, surgem vários conceitos de gênero, como por exemplo o de SWALES (*apud* MARCUSCHI, 2004, p. 10), que o define:

A partir de *comunidade discursiva*, o que leva de volta à questão da comunidade, só que neste caso, os membros de uma comunidade discursiva seriam os que participam de um gênero discursivo, ou seja, a comunidade seria uma espécie de pano de fundo e se determinaria como uma comunidade de práticas discursivas.

É a partir de Swales, que foi influenciado por Miller (1984), que o propósito comunicativo e a finalidade do discurso entram em cena, passa-se a valorizar, então, estes aspectos que antes eram desconsiderados na produção e interpretação do texto em sala de aula.

Para Dolz & Schnevli (1996, p. 44), o gênero é um (me-

ga) instrumento para agir em situações de linguagem. A mestria de um gênero portanto, aparece como constitutiva de uma situação de comunicação. O gênero, então, passa a ser visto como algo dinâmico, flexível, híbrido e variável, não cabendo pensar em gênero a partir de uma estrutura estática, com características fixas, imutáveis, engessadas.

Isso não quer dizer que tudo o que foi produzido e entendido como gênero deve ser descartado, ao contrário, os primeiros conceitos serviram para aquele contexto histórico e como base para a reformulação da noção de gênero.

2. *Novos conceitos, novos caminhos para a escola.*

A partir desses olhares, começou-se a compreender a e a valorizar a influência social sobre a linguagem, de modo que a escola não poderia ficar à margem dessas transformações, por ser o lugar que proporciona os primeiros contatos com o mundo da leitura e da escrita, como afirma Marcuschi:

Já se pode indagar se a escola deverá amanhã ocupar-se de como se produz um e-mail e outros gêneros do discurso eletrônico, ou pode a escola tranquilamente continuar analisando como se escrevem cartas pessoais, bilhetes e como se produz uma conversação. (2004, p. 17)

A escola, no entanto, enfrenta uma crise de um modo geral e, principalmente no ensino da língua portuguesa, pois toda essa mudança de paradigma, como afirma (CASTILHO, 2002, p. 13), colocaram os professores da língua materna numa situação muito desconfortável com respeito a “o que ensinar”, “como ensinar”, “para quem ensinar” e até mesmo “para quem ensinar”.

Para Crescitelli (2014, p. 29), essa situação desconfortável tende a perdurar, uma vez que as mudanças no âmbito educacional costumam demorar décadas para que se observe alguma transformação. No entanto, a década de 90 já representou um avanço em muitos setores da educação, com a criação da Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB) e dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN.)

Criados em 1998, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* são o documento oficial que, baseado em todas essas teorias, aponta novos caminhos para o trabalho com os gêneros textuais em sala de aula. Dentre as diretrizes previstas nos PCN, é importante destacar que

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza te-

mática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. (1998, p. 23)

Nesse contexto, as aulas de redação são transformadas em aulas de produção textual. Não se trata apenas de uma mudança de nomenclatura, as práticas pedagógicas no trabalho com a produção e interpretação do texto passam a ser vistas com foco na nova visão sobre o conceito de gênero, que possibilita uma abordagem mediadora, organizadora e social do uso que fazemos da linguagem.

3. Os gêneros emergentes na escola

Marcuschi (2004) entende o gênero textual como um fenômeno social e histórico, o que equivale a dizer que eles surgem em determinados momentos da história da humanidade, de acordo com as mudanças sociais que ocorrem.

E mudanças sociais não faltaram nas últimas décadas. A revolução tecnológica atravessou os anos 80 e 90 trazendo novidades em todas as áreas do conhecimento. E essas novidades afetam o modo de vida da sociedade como um todo.

Atualmente não há mais a necessidade de sair de casa e enfrentar filas enormes para pagar contas, nem mesmo se dirigir à livraria para comprar o último lançamento do autor de que mais gosta, reunião pessoal com amigos também são afetadas pela chegada das novas redes sociais. E a escrita não fica à mercê dessa transformação, pois está inserida nesse contexto em todas as áreas do conhecimento.

Os gêneros textuais são frutos de complexas relações entre um meio, um uso e a linguagem (MARCUSCHI, 2004, p. 20). A partir dessa visão, torna-se mais fácil assimilar a manifestação dos novos gêneros, uma vez que, tanto o meio (rádio, televisão, internet), quanto o uso, como a linguagem estão em constantes transformações.

Dessa forma, não é difícil compreender o fenômeno do surgimento dos gêneros digitais, ou *cybergêneros*, ou ainda, gêneros virtuais, seja qual for a nomenclatura, de acordo com o cientista que o estuda, uma vez que a interação on-line favorece grandemente a evolução dos gêneros,

por ser um meio que propicia novas formas de escrita. Marcuschi contribui para essa compreensão ao afirmar que:

Se tomarmos o gênero como texto situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, recorrente, “relativamente estável” do ponto de vista estilístico e composicional, segundo a visão Bakhtiniana (BAKHTIN, 1979), servindo como instrumento comunicativo com propósitos específicos (SWALES, 1990) e como forma de ação social (MILLER, 1984), é fácil perceber que um novo meio tecnológico, na medida em que interfere nessas condições, deve também interferir na natureza do gênero produzido. (2004, p. 17)

Dionisio (2005, p. 169) concorda com as explicações apresentadas, pois, para ela, a variedade de recursos tecnológicos a serviço da comunicação humana, na sociedade atual, permite não só a criação de uma infinidade de manipulação gráfica em computadores, mas também a rápida propagação da informação e, conseqüentemente novas formas de apresentação da escrita.

As especificidades desses “novos” gêneros já são objetos de vários pesquisadores, dentre os quais destacam-se as ideias de Marcuschi, para quem gênero virtual:

É o nome dado às novas modalidades de gêneros textuais surgidas com o advento da Internet, dentro do *hipertexto*. Eles possibilitam, dentre outras coisas, a comunicação entre duas ou mais pessoas mediadas pelo computador. Comumente chamada de *Comunicação Mediada por Computador (CMC)*, esta forma de intercâmbio caracteriza-se basicamente pela centralidade da escrita e pela multiplicidade de semioses: imagens, sons, texto escrito (2004).

Outro aspecto que não podemos deixar de mencionar referente aos gêneros digitais é a presença do hipertexto. Para Xavier (2004, p. 171), o hipertexto pode ser entendido como uma “forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”. Além do que já foi citado, os gêneros emergentes:

Têm características próprias e devem ser analisadas em particular. Nem sempre têm uma contraparte muito clara e não se pode esperar uma especificidade na projeção de domínios tão diversos como são o virtual e o real. Esses gêneros são mediados pela tecnologia computacional que oferece um programa de base (uma ferramenta conceitual) e servem-se da telefonia. De certo modo, esses gêneros são diversificados em seus formatos e possibilidades e dependem do *software* utilizado para sua produção. (MARCUSCHI, 2004)

Dentre as características comuns à maioria dos gêneros digitais, Marcuschi (2004) lista a alta interatividade estabelecida entre os participantes da comunicação mediada; a interação de recursos semióticos (imagem, fotos, som) possibilitados pelo caráter multimídia do meio vir-

tual; a descontração, a informalidade, como também a monitoração fraca da linguagem.

4. Conclusões

Todas essas características vão ao encontro das habilidades e competências que devem ser desenvolvidas no aluno contemporâneo, que vive em rede e é altamente interativo, e encontra-se na escola com dinâmicas do século XX. Talvez essa discrepância explique grande parte do fracasso que a escola enfrenta, especialmente nas aulas de língua portuguesa.

Percebemos, então, que é necessário buscar alternativas que atendam as necessidades do mundo moderno no processo educacional, essa é a maior responsabilidade da escola hodierna. Os gêneros digitais devem estar inseridos no conjunto de leituras que a escola proporciona aos alunos e, ainda, preocupar-se com o letramento digital dos educandos do século XXI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail Mjkhailovitch. *Estética da criação verbal*. Trad.: Maria Emsantina Galvão G. Pereira. Ver. da trad.: Marina Appenzellerl. 2. cd. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRANDÃO, H. N. Textos, gêneros do discurso e ensino. In: _____. *Gêneros do discurso na escola*. Coord.: H. N. Brandão. Coord. Geral: Lígia Chiappini. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTILHO, Ataliba. T. de. Seria a língua falada mais pobre que a língua escrita? *Impulso*, vol. 12, n. 27, p. 59-72, 2000. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/impulso27.pdf>>. Acesso em: 10-2014.

CRESCITELLI, Mercedes Fátima de C. Hesitação e interrupção do ponto de vista interacional. *Investigações: Linguística e Teoria Literária*, vol. 21, n. 2, p. 133-150, 2008. Recife. Disponível em: <http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.21.2/Mercedes_C

[rescitelli.pdf](#)>.

DIONISIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramentos. In: _____. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005, p. 17-33.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros virtuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In ____; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARTINS, Silvane Aparecida de Freitas. *O livro didático de ensino médio e as propostas de atividades com gêneros textuais*. Disponível em: <<http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/cd/Port/123.pdf>>. Acesso em: 12-10-2014.

SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.